

**ENTRE IMAGENS E RELATOS DE MEMÓRIAS:
REFLEXÕES SOBRE A PRESENÇA DOS INDÍGENAS XUKURU-KARIRI EM
PALMEIRA DOS ÍNDIOS/AL¹**

Brunemberg da Silva Soares

Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professor da rede municipal de Educação de Palmeira dos Índios. E-mail: brunemberg@gmail.com

José Adelson Lopes Peixoto

Doutor em Ciências da Religião (UNICAP), Professor Titular na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Coordenador do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas – GPHIAL. E-mail: adelsonlopes@uneal.edu.br

Adauto Santos da Rocha

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: adautorocha49@gmail.com

RESUMO: Com este texto, pretendemos discutir sobre a presença do povo indígena Xukuru-Kariri no município de Palmeira dos Índios, localizado no Semiárido/Agreste de Alagoas, refletindo sobre o “lugar” que lhe foi reservado na história palmeirense. Desse modo, a problematização das imagens e referências sobre os indígenas nesse município relacionou-se com a necessidade de uma análise sobre a forma como eles compreendem tais representações. Nesse sentido, além da discussão teórica e estudo historiográfico, recorreremos a fontes orais e relatos de memórias de indígenas, a partir de conversas e entrevistas com algumas lideranças Xukuru-Kariri.

Palavras-chave: Protagonismo Indígena; Representação; Semiárido.

Introdução: Palmeira dos Índios, “terra de Xucuru”

Com origens em torno de um aldeamento indígena, em finais do século XVIII, a cidade de Palmeira dos Índios tem sua história marcada por conflitos entre a oligarquia local, que se formou, principalmente, a partir da apropriação de terras indígenas e o povo Xukuru-Kariri. No entanto, mesmo nesse contexto de disputas, os indígenas foram representados nas narrativas e imagens oficiais como primeiros habitantes e símbolos do município.

¹Este texto foi originalmente publicado no livro: **Os Xukuru-Kariri em Palmeira dos Índios, Alagoas: história, memórias e patrimônio cultural.** SILVA, Edson. REIS, Michele (Org). Maceió: EDUFAL.

Nas primeiras décadas do século XX, escritores regionais, movidos por uma concepção do nativo enquanto antiga “raça formadora”, escreveram sobre os “caboclos” descendentes dos primeiros habitantes em áreas de colonização, com o objetivo de significar a formação cidadina. Em Palmeira dos Índios, as narrativas foram produzidas por Luiz de Barros Torres e Ivan Barros, pioneiros na escrita sobre a história palmeirense.

Partindo da visão do indígena como um ser do passado colonial que esteve presente no processo histórico de “desenvolvimento” do Brasil, esses autores descreveram em suas obras a imagem de um ser puro e gentil, que não resistiu ao processo de aldeamento e catequese, observando passivamente, na maior parte do tempo, as invasões das terras onde habitavam.

A partir das primeiras referências à chegada de colonos na região, os indígenas foram deixados de lado nas narrativas, induzindo a ideia de que foram “superados” pelo “progresso” iniciado com a “chegada do branco”, supostamente convertidos ao catolicismo e submetidos ao poder dos colonizadores. Dessa forma, os indígenas presentes nas produções históricas sobre as origens da cidade foram referenciados em espaços públicos e nos símbolos oficiais do município, a exemplo da bandeira e do hino, inspirados em narrativas que os descrevem como gentis e ingênuos ancestrais do povo palmeirense.

Portanto, o desejo de citar os Xukuru-Kariri como parte da história local resultou em representações dos indígenas como “descendentes” em vias de assimilação, aos moldes de um discurso evolucionista que mesmo reconhecendo a origem da cidade em um aldeamento, negou as mobilizações e o protagonismo Xukuru-Kariri. Desse modo, buscamos com este texto contribuir com as necessárias reflexões sobre a importância de analisarmos as narrativas históricas sobre Palmeira dos Índios a partir das concepções dos Xukuru-Kariri, com o objetivo de desconstruir preconceitos e visões romantizadas sobre eles.

Reações dos posseiros às mobilizações do povo Xukuru-Kariri

Atualmente, existem nove aldeias habitadas pelo povo Xukuru-Kariri no município de Palmeira dos Índios: Fazenda Canto, Mata da Cafurna, Serra do Capela, Cafurna de Baixo, Serra do Amaro, Coité, Boqueirão, Fazenda Jarra e Riacho Fundo.

Essas aldeias ocupam parte das serras ao Norte do vale no qual se ergue a cidade, constituindo o território² indígena no município³.

Desde os primeiros estudos sobre a presença do povo Xukuru-Kariri na atual região de Palmeira dos Índios, o lugar dos indígenas na história e na sociedade palmeirense tem sido pensado por atores sociais com variados posicionamentos sociopolíticos. No entanto, dos primeiros registros aos estudos mais recentes, observa-se que as principais referências aos indígenas são a respeito das relações com o território, seja a forma como o habitam, as expropriações ou as mobilizações pela garantia de posse.

Em documentos do século XVIII, os Xukuru-Kariri foram citados como primeiros habitantes nas terras da Vila da Palmeira e posteriormente como catequizados reivindicando terras. Quando desprovidos de um território, habitado no período posterior à extinção dos aldeamentos na Província de Alagoas (1872), foram considerados “misturados” e não apareceram mais nos documentos oficiais ou relatos. Mesmo quando analisados enquanto um grupo diferenciado, nos escritos de Carlos Estevão de Oliveira (1938), as suas relações com o território foram consideradas como um dos fatores principais para a identificação daqueles “remanescentes indígenas”.

No período posterior à criação da Aldeia Fazenda Canto (1952), diante da pressão imposta pelas mobilizações dos indígenas em busca da reconquista do antigo território, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) aprovou em 1988 a criação de um Grupo Técnico/GT, para apontar a partir de estudos etno-históricos e fundiários a área a ser delimitada para a povo Xukuru-Kariri (CARRARA, 2004).

Em 1994, os Xukuru-Kariri retomaram a área de duas fazendas⁴ situadas no entorno da Aldeia Mata da Cafurna, motivados pela lentidão no andamento do processo de demarcação das terras identificadas pela FUNAI e com o objetivo de parar os desmatamentos nessas áreas. Nesse contexto, como é citado na documentação consultada, e pelos relatos de lideranças daquele povo, os opositores à demarcação

²Existe uma aldeia localizada na Fazenda Monte Alegre, em Palmeira dos Índios; os indígenas habitantes dessa área se autodenominam Xukuru-Palmeira, afirmam ser Xukuru-Kariri, porém não são reconhecidos pelas outras aldeias ou pela FUNAI. Existem também aldeias Xukuru-Kariri em Nova Glória (BA) e Caldas (MG), formadas por indígenas da Fazenda Canto que migraram após conflitos internos ocorridos nas últimas décadas do século XX. Para mais informações ver Martins (1994) e Peixoto (2019).

³Em outro estudo, apresentamos e discutimos um mapa com as localizações dos territórios Xukuru-Kariri em Palmeira dos Índios, neste caso, ver: SOARES, 2020.

⁴As retomadas aconteceram em 22/08/1994, em duas fazendas cujas terras estavam ocupadas pelos posseiros Hélio Alves de Carvalho e Leopoldino Torres, com áreas de 162 e 121 hectares, respectivamente. Fonte: Acervo do CIMI/AL, Seminário Diocesano de Maceió.

articularam-se para contestar o direito indígena sobre as áreas em disputas e conseguir o apoio da população no embate que foi desencadeado.

Para tanto, ameaçaram lideranças indígenas, divulgaram informações falsas e caluniosas, aproveitando-se de desinformações da população palmeirense reunindo aliados contra as mobilizações dos Xukuru-Kariri. A articulação estabelecida entre os “proprietários” dessas áreas evidencia o poder dos grandes “posseiros”⁵ no município. Logo após a ocupação dos indígenas na área, os “posseiros” articularam-se com as polícias, Civil e Militar para expulsá-los.

A estratégia utilizada pelos “posseiros” foi a aprovação de um pedido de reintegração de posse na Justiça justificando que a área teria sido invadida por “colonos”, ou seja, ocultando se tratarem de indígenas reivindicando a posse de territórios imemoriais. Acreditavam os posseiros que a partir da apresentação das escrituras de compra e venda e com depoimentos de testemunhas o Juiz responsável aprovaria o pedido de retirada dos Xukuru-Kariri daquela área.

Uma vez conseguido o documento, a polícia seria acionada e os indígenas expulsos por meio da força. A articulação era tal que em um outro momento a polícia chegou a invadir com capangas armados⁶ a área ocupada, em ação comandada pelos delegados de Palmeira dos Índios⁷. No entanto, o Juiz responsável tomou conhecimento da identidade indígena dos ocupantes e passou o caso para a instância Federal como previa a legislação, como foi citado em um dos documentos de denúncia produzido pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI)⁸:

Durante todo o tempo, o Sr. Hélio Alves de Carvalho e o Sr. Leopoldo Manoel Torres fizeram uso da rádio local [...], para caluniar, discriminar e jogar a sociedade contra o povo indígena, articularam todos os fazendeiros da região, realizaram atos públicos com carros de som e em seus discursos, chamaram os índios de vândalos,

⁵Em outro estudo, tratamos da etimologia do termo “posseiros” no imaginário popular em Palmeira dos Índios, desse modo, ver: SOARES, 2020.

⁶Na documentação consultada as áreas retomadas pelos indígenas foram invadidas por 20 homens armados com revólveres e espingardas, dentre os invasores os índios identificaram oito homens que vestiam coletes da Polícia Civil. Os indígenas denunciaram o posseiro Hélio Alves de Carvalho como mandante do atentado e exigiram providências da FUNAI. Fonte: Acervo do CIMI/AL, Op. Cit.

⁷Após as denúncias do envolvimento da polícia local na invasão do território ocupado pelos indígenas, os delegados regional e distrital de Palmeira dos Índios foram remanejados para outra cidade. Fonte: “afastado delegado que invadiu área indígena”. **Jornal Gazeta de Alagoas**. 29/09/1994, p. 3. Disponível no Acervo do CIMI/AL, Op. Cit.

⁸Documento de denúncia e solicitação de providência as autoridades competentes sobre os conflitos pelo território Xukuru-Kariri em Palmeira dos Índios, 29/08/1994. Disponível no Acervo do CIMI/AL, Op. Cit.

saqueadores, preguiçosos, vagabundos, que iriam tomar toda a cidade, etc.

A estratégia da divulgação de informações falsas e caluniosas é recorrentemente usada pela oligarquia local para negar os direitos dos indígenas, pois, embora as imagens de exaltação do nativo tenham prevalecido ao longo da história do município, quando os Xukuru-Kariri se mobilizam pela garantia de direitos, especificamente a posse da terra, os discursos de origens indígenas fundamentando a “Taba Xucuru”⁹ são esquecidos, substituídos por um sentimento de repúdio à sua presença no município.

Sobre as manipulações de informações e a utilização da “imagem” do indígena, citamos como exemplo as ações do escritor e advogado José Delfim da Motta Branco que, embora tenha sido um dos responsáveis pela criação dos símbolos oficiais do município não reconhecia os Xukuru-Kariri enquanto povo indígena na atualidade. Em um documento em defesa da posse dos “brancos” sobre as áreas identificadas como indígenas, o advogado defendeu um posicionamento contrário à demarcação do território argumentando que os indígenas não deveriam ser reconhecidos, pois haviam se afastado dos costumes ancestrais ao ponto da sociedade não indígena ter mais proximidade com as suas expressões socioculturais do que os “fraudulentos” habitantes no município (BRANCO, 1998).

O advogado criticou a legitimidade da posse da terra a partir da ocupação histórica, afirmando que os indígenas teriam migrado para a região quando as terras pertenciam aos portugueses, nesse sentido, argumentou que aqueles eram os verdadeiros “invasores”. Questionou a identidade dos indígenas no município, pois estes não expressavam os comportamentos que Delfim Branco considerava necessários para a definição étnica do grupo.

Ainda, o autor descreveu os índios como preguiçosos que não produziam nas terras ocupadas, alimentando-se de produtos oriundos da cidade, além de utilizarem a “medicina dos brancos”. De modo geral, as expressões socioculturais e a identidade foram questionadas, pois, o autor via até as “manifestações religiosas” dos Xukuru-Kariri como formas de enganação para a “sociedade palmeirense”.

⁹Expressão encontrada em vários documentos e matérias de jornais da segunda metade do século XX. Assim como o termo “Terra dos Xucurus” era comum a denominação “Taba Xucuru” para se referenciar ao município de Palmeira dos Índios. Fonte: documentação disponível no Acervo do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas (GPHIAL), localizado na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Campus III, em Palmeira dos Índios.

O discurso de negação da identidade e dos direitos indígenas proferido pelo advogado é recorrente no município, pois tais afirmações são provenientes da visão dos indígenas como incapazes. Segundo a FUNAI, esse tipo de posicionamento é utilizado como uma forma de tentar impedir os Xukuru-Kariri reconquistar a posse do território. Como observado no trecho de um relatório¹⁰ do órgão de assistência aos indígenas em 1994:

Está em curso o processo da demarcação das terras na sua segunda fase, sofrendo grande resistência por parte dos fazendeiros e posseiros da região, que lhes negam a condição de índio, negativa essa sempre ligada a expropriação de suas terras. Por isso o levantamento fundiário tem sido interrompido por várias vezes. [...]. A área está cercada por pequenos posseiros que mantêm um relacionamento razoável com os índios; havendo um grande número de fazendeiros, que provocam ameaças e mortes, ficando sempre impunes

O estudo dos conflitos fundiários em Palmeira dos Índios não pode ser realizado de forma separada de uma análise das formas de representação dos Xukuru-Kariri feitas por grandes posseiros nas áreas indígenas, pois a atuação da oligarquia no sentido de impedir o processo demarcatório, provocou interferências nas relações sociais e interações cotidianas entre indígenas e não indígenas a partir da manipulação de informações com o objetivo de conseguir apoio contra a demarcação do território.

Como resultado dessa prática ainda utilizada na atualidade, os Xukuru-Kariri foram vistos ao longo da “formação” sócio-histórica do município apenas como “descendentes” dos “antigos e verdadeiros indígenas da região”. Estando esses “remanescentes” ainda se apegando de forma ilusória ou influenciados pela FUNAI ou pelo CIMI, a uma suposta identidade ancestral para conseguir algum benefício. Essa ideia contribui para o fortalecimento de discursos preconceituosos e imagens distorcidas sobre os indígenas.

Desconstruindo estereótipos: a história de Palmeira dos Índios na visão de indígenas Xukuru-Kariri

Para entendermos melhor os significados das imagens e discursos sobre os indígenas presentes no cotidiano palmeirense, evidenciamos narrativas de lideranças

¹⁰ OLIVEIRA, Auta Maria de. **Relatório de observação**: povo Xucuru-Kariri Fazenda Canto. Palmeira dos Índios. 1994. Disponível no Acervo do CIMI/AL.

Xukuru-Kariri sobre as experiências vivenciadas nas aldeias e a respeito das interações com os não indígenas em Palmeira dos Índios. Durante a realização de entrevistas e em conversas informais tais lideranças, percebemos que as memórias individuais e coletivas desse povo se fundamentam em várias formas de resistências e mobilizações pela reconquista do território reivindicado.

Os entrevistados afirmaram que ser indígena no município de Palmeira dos Índios é viver em um contexto de resistência diária; diante de um histórico de tentativas de imposição de costumes, perseguições, preconceitos e invasões territoriais. As relações entre os indígenas e a “sociedade palmeirense” tem sido definida ao longo dos anos pela questão territorial, pois a forma como são vistos no cotidiano palmeirense varia de acordo com o andamento do processo de demarcação. No entanto, para os Xukuru-Kariri essa mudança é decorrente de ações difamatórias dos grandes posseiros nas terras indígenas, principalmente em rádios locais. Conforme relatou uma liderança entrevistada¹¹:

Na última retomada que nós fizemos, em 2011, a gente teve momento de tá... em ter que praticamente se esconder, não andar na cidade, todo mundo é... influência do sistema político da cidade e o apoio que nós não tinha do próprio prefeito na época, porque é posseiro, de deputados que é posseiro de nossa terra, vereadores que são todos eles posseiros e, assim, a visão é muito forte, né? E a gente não se sente bem, na realidade, de tá livre dentro de Palmeira dos Índios, a perseguição é muito grande, principalmente nas lideranças. [...], quando a FUNAI vem fazer projetos e começa a trabalhar dentro da área, então a nossa visão ela fica uma visão muito forte dentro de Palmeira dos Índios, de inimigos inclusive. E aí os caras começa a jogar o posseiro, o pequeno, o pequeno posseiro... começa a incentivar, a dizer que vão ficar sem terra, que os índios vão tomar, que o desenvolvimento de Palmeira não vai acontecer, que vai acabar com a cidade.

Esse relato evidenciou a atuação dos grandes posseiros na utilização de influências políticas e econômicas para conseguir aliados contra a demarcação, não apenas a partir do questionamento dos direitos dos indígenas sobre a posse do território reivindicado, mas, também, a partir de discursos preconceituosos com o objetivo de questionar a legitimidade da demarcação e mesmo negar a identidade dos Xukuru-Kariri. Como resultado, parte considerável da população não indígena no município que

¹¹Ao longo das pesquisas, fomos autorizados a utilizar todas as entrevistas realizadas, entretanto, pelo teor das discussões aqui estabelecidas, compreendemos como necessário não divulgar os respectivos nomes dos entrevistados, ao tempo em que entendemos os problemas sociais que poderiam ser gestados a partir de tais divulgações.

não tem conhecimento sobre a situação indígena é convencida para ser contrária a demarcação.

Essas ações difamatórias estão presentes nas memórias dos indígenas, principalmente das lideranças. Como relatou um entrevistado, liderança na Aldeia Mata da Cafurna, que estudou parte do Ensino Fundamental e o Médio em uma escola situada na cidade de Palmeira dos Índios, onde a convivência com não indígenas, principalmente nos períodos de mobilizações pela demarcação foi marcado por tensões resultantes dos comentários:

Foi um impacto grande, a gente, os índios na hora de intervalo, ou... alguma coisa, só ficava junto. Não se separava de ninguém, sofria discriminação. Era acuado no canto da escola. [...]. Na época que eu estudava, a gente tava em processo já, demarcatório, e... muitas vezes, professores, até professores queria explicação da gente. E a gente era criança, eu tinha entre 12, 13 anos, e a gente não sabia explicar nada do processo, como o processo tava andando. E a gente era cobrado dentro da escola por conta disso. E a gente se sentia acuado. [...]. E acabava que até, a gente ficava tão acuado que não acompanhava o ensinamento dentro da escola.

A entrevista apresentou um exemplo das dificuldades enfrentadas pelos indígenas em contextos de disputas territoriais, relações conflitantes muitas vezes pelo desconhecimento da população envolvente sobre como ocorre o processo de demarcação. Sobre as várias referências existentes no município acerca do indígena na história e no cotidiano local, observamos que os indígenas as descrevem de duas formas distintas.

De um lado, as representações imagéticas e esculturais são vistas como um meio de lembrar, mesmo de forma romantizada, as origens indígenas da cidade. E desse modo, assim como o nome do município, essas referências servem para evidenciar a constante presença na história e no cotidiano. Esse posicionamento reflete a necessidade de ressignificar as representações existentes como forma de visibilidade diante da negação e das tentativas de silenciamento utilizadas pela oligarquia local.

Por outro lado, as representações são vistas como produtos de uma exploração da imagem do indígena enquanto símbolo de uma sociedade formada a partir da ocupação do território pertencente ao povo Xukuru-Kariri. Uma sociedade moldada por um variado conjunto de imagens e narrativas descrevendo o nativo como um personagem folclórico vinculado à “formação do município”. E ao mesmo tempo

negando o indígena protagonista da/na história. Sobre essa exploração da imagem, um entrevistado afirmou que as construções compõem:

Uma história mentirosa. Uma coisa que não existe! Porque é a mesma coisa que aprender sobre mula sem cabeça, [...]. É folclórico... é uma coisa mentirosa porque são coisas que não existe. É uma falta de respeito à nossa cultura. Deixar de mostrar o que realmente é nosso, com a nossa autorização, [...]. Na realidade, a sociedade de Palmeira dos Índios, essa que faz essas coisas, é isso que elas querem pra os indígenas. É os indígenas do passado, lá no seu cantinho, calado. E que eles podem fazer o que eles quiserem, atacar e desfazer e a gente continuar calado. Mas a gente não aceita mais, a gente não aceita mais isso.

Essas afirmações evidenciam a crítica dos indígenas às representações romantizadas sobre a “imagem” e expressões socioculturais criadas e propagadas pela “sociedade não indígena”, para um sentido à narrativa histórica do município. Uma produção que não contribui para as mobilizações por direitos, mas provoca a divulgação e o fortalecimento de preconceitos em relação aos Xukuru-Kariri. O entrevistado afirmou, ainda, que para a história e para a “sociedade palmeirense” interessa somente a representação do obediente e relegado ao passado.

Essa constatação fundamenta-se em críticas à negação dessas imagens distantes da situação sócio-histórica do povo Xukuru-Kariri no município, a exemplo da tantas vezes citada “lenda de Tilixi e Txiliá”. Na análise de Ferreira¹², essa narrativa fundacional não pode ser considerada como um mito, pois “os atributos do mito são a memória, a oralidade e a tradição de um povo, nem é um relato histórico, por não haver relação de verossimilhança entre a narrativa e os acontecimentos históricos”. Afirmou o entrevistado que essa narrativa é um relato literário que adquiriu o status de versão oficial para a gênese do povoamento de Palmeira dos Índios.

De modo semelhante à análise acima citada, os indígenas entrevistados não reconhecem essa narrativa “mitológica” como originária do seu povo ou presente em nas suas memórias, tampouco a consideram como benéfica para as mobilizações por direitos que reivindicam. A folclorização da imagem é amplamente criticada pelos Xukuru-Kariri, principalmente pelas lideranças mais jovens que com maior nível de escolarização analisam de forma mais aprofundada as produções escritas por não indígenas, formulando questionamentos sobre a sua “imagem” no município.

¹²FERREIRA, Cosme Rogério. Entrevista realizada em Palmeira dos Índios/AL. 26/07/2018.

Nesse sentido, ao observarmos os posicionamentos dos indígenas sobre a atuação do escritor Luiz Torres, percebemos que existem duas concepções sobre o memorialista. Pois alguns dos entrevistados, principalmente os mais velhos, o descreveram como um aliado considerando que escreveu sobre a presença indígena em um momento no qual “não se falava de índio” no município. Num contexto cuja única referência era o nome do município e os “descendentes” de indígenas habitando a Aldeia Fazenda Canto. As lideranças mais jovens, por sua vez, criticaram as produções do escritor, afirmando que estas favoreceram a mitificação e mesmo não sendo a intenção do escritor, contribuíram para a disseminação de estereótipos sobre eles no município.

As críticas sobre as produções do escritor podem ser compreendidas como análises realizadas a partir das situações vivenciadas pelo povo Xukuru-Kariri na atualidade, pois “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente” (HALBWACHS, 2006, p. 75-76). Alguns indígenas não percebem tais narrativas como produtos de uma tentativa de os inserir na “história local”, mas como uma narrativa que referenciou um indígena fantasioso e desconsiderou as situações de invasão territorial, perseguições e resistências, presentes nas memórias dos indígenas. Para um indígena, liderança na Aldeia Cafurna de Baixo:

O Luiz Torres, ele se dizia ser amigo dos índios. Ele foi um cara que sempre andou aqui na Cafurna, ele tinha uma relação, mas uma relação de esperteza. Se aproveitava da ingenuidade dos índios, na época... as dificuldades, principalmente. A ingenuidade, porque não tinha esse mesmo entendimento. [...]. Então assim, ele se chegava aqui dizendo ser amigo, mas era pra explorar o que os índio tinham, pra se dá bem com imagem do índio, com a história do índio, com os artefatos dos índios. Então assim, ele foi um cara que, assim, criou... prejudicou a nós com uma história diferente, porque ele contou no livro uma história que não é real, ele criou uma lenda; Tilixi e Txiliá, e a história dos povos indígenas não diz isso, é uma história... a história nossa é uma história de sofrimento, de perseguição, de derramamento de sangue.

As contestações dos escritos de Luiz Torres não são apenas as narrativas romantizadas ou as imagens idealizadas, mas no que substituíram, ou seja, uma história marcada por esbulhos territoriais, imposições culturais, perseguições, resistências e mobilizações indígenas. Ao analisar a história do povo a partir da situação atual, entrevistados descreveram a aproximação entre o escritor e os Xukuru-Kariri como uma relação de exploração da situação de fragilidade socioeconômica na qual se

encontravam. Atualmente, a educação é descrita como um dos principais meios para a garantia de direitos.

Além de ressaltar a importância da educação como uma forma de protagonismo e fortalecimento das mobilizações, existe a necessidade da educação como forma de combate aos preconceitos e estereótipos expressos pela “sociedade palmeirense” contra os indígenas. Esse objetivo aparece vinculado à necessidade de visibilidade à presença contribuindo para as reivindicações Xukuru-Kariri, pois o desconhecimento resultou na visão do indígena ora como um elemento folclórico, ora como um inimigo do município.

Os entrevistados afirmaram que isso ocorre porque a maior parte da população não indígena no município conhece o povo Xukuru-Kariri habitantes nas serras em torno da cidade a partir de notícias de rádios locais, matérias em jornais e imagens e representações espalhadas pela cidade. Portanto, as imagens presentes no cotidiano local, juntamente com os discursos dos posseiros, contribuem para o fortalecimento das exaltações do indígena idealizado, resultando na negação e na tentativa de silenciamento na atualidade.

Em relação a esse contexto histórico de referências a um indivíduo inexistente, bem como de negação dos indígenas presentes no cotidiano local, é importante destacar as memórias sobre as urnas funerárias. As içaçabas desenterradas em áreas do território habitado pelos indígenas no município de Palmeira dos Índios, na segunda metade do século XX. Pois a descoberta desses artefatos arqueológicos contribuiu para o fortalecimento do povo Xukuru-Kariri no contexto de afirmação identitária.

A construção do passado e da identidade do povo Xukuru-Kariri relaciona-se com os monumentos e objetos históricos associados à identidade do município. Além das relações socioculturais estabelecidas com o território habitado, o sentido simbólico da terra para os Xukuru-Kariri foi formado, também, a partir da presença evidenciada por vestígios arqueológicos no território. O território habitado pelos indígenas “se reveste de significado simbólico que os liga a um passado indígena que se perde no tempo e do qual se sentem partícipes e legítimos herdeiros” (DÓRIA, 2008, p. 17).

Existe certa reserva dos indígenas quanto a retirada desses artefatos do solo que afirmam sagrado. No entanto, esse ato é considerado como um mal necessário, pois, como afirmou o indígena José Carlos Ferreira; “pra que a gente pudesse provar que somos verdadeiros índios Xukuru-Kariri a gente teve que arrancar os restos mortais dos nossos ancestrais, teve que arrancar lá pra levar pro Rio de Janeiro pra poder comprovar

que realmente nós [...] somos resistência do povo Xukuru-Kariri”. De modo semelhante, a exposição de igaçabas e outros artefatos indígenas no Museu Xucurus de História, Artes e Costumes é questionada pelas lideranças.

O próprio Museu Xucurus é um espaço singular, uma construção que expressa as particularidades de Palmeira dos Índios, pois trata-se de um “lugar de memória” (NORA, 1997) organizado em uma igreja colonial construída por negros escravizados, transformada em um museu com o nome de um povo indígena. Porém, referenciando e exaltando principalmente a cultura do colonizador e da Igreja Católica Romana. Em vista disso, as posições dos indígenas sobre este espaço são críticas em diferentes aspectos.

Pensado como um local para referenciar a “memória” e a história de formação de Palmeira dos Índios, o Museu é composto por objetos doados por membros de vários setores sociais e econômicos no município, contou inclusive com a colaboração de alguns indígenas na doação de peças para serem exibidas no espaço. A partir das modificações pelas quais essa instituição passou ao longo dos anos, como as mudanças de organização das coleções, relegando as peças indígenas para a última sala do prédio, bem como a falta de cuidados com os artefatos nele expostos, a representatividade dessa instituição passou a ser questionada pelos índios.

Atualmente, as críticas ao Museu Xucurus são no sentido da organização das peças, sobre o descuido com os artefatos indígenas, a exibição de igaçabas abertas contendo restos mortais de indígenas, o despreparo dos funcionários e a distância entre a instituição e o povo indígena supostamente representado. Essa referência direta do Museu ao povo Xukuru-Kariri é contestada pelos índios, pois apesar dela os indígenas não fazem parte de seu funcionamento. Sobre essa questão, uma indígena afirmou:

Não tem ninguém indígena, que o certo era um indígena no Museu, direcionando isso aí, representando o seu povo, e não um branco. Que até, quem tá lá, quem atua lá, de governo para governo, são pessoas que não tem qualificação nenhuma, que não tem conhecimento nenhum, que são trocados automaticamente, a partir do momento que muda de governo é mudado também esses profissionais, [...]. Antigamente, nós indígenas nós poderíamos entrar ali o dia e a hora que a gente quiséssemos sem pagar taxa nenhuma, hoje se a gente quiser fazer qualquer tipo de trabalho de pesquisa lá dentro, ou levar um estudante ou um turista lá dentro, a gente tem que pagar igualmente um branco, e isso tá errado.

No relato, observamos o descontentamento sobre o descaso e a distância estabelecida entre o Museu e o povo Xukuru-Kariri. Considerado pela maioria dos indígenas como um ponto histórico de referência sobre a sua presença na região, nos últimos anos esse espaço tem sido utilizado como um meio de negação do protagonismo desse povo a partir de um acervo isolado na última sala do prédio. Com peças malcuidadas e misturadas com artefatos de origens diferentes e a atuação de funcionários que desconhecem a história e as expressões socioculturais do povo indígena.

Além da cobrança da taxa de entrada, criticada pelos indígenas, a falta de proximidade com o território habitado pelos indígenas é um dos pontos de maior crítica, pois, para os Xukuru-Kariri, o Museu deveria ser utilizado como um espaço no qual fossem desconstruídas as imagens estereotipadas e preconceituosas disseminadas sobre os indígenas ao longo da história de Palmeira dos Índios.

No entanto, o Museu Xucurus encontra-se em situação precária, o acervo indígena continua a ser exposto nos fundos da última sala do anexo do prédio, juntamente com peças que não dialogam com a história indígena; os visitantes não dispõem de um acompanhamento adequado durante a visita, pois os funcionários da instituição não possuem a formação adequada e são substituídos com frequência. Diante disso, algumas lideranças Xukuru-Kariri consideram a possibilidade de transferir as peças indígenas para uma das aldeias e criar um museu, uma espécie de memorial. Sobre essa possibilidade, um indígena comentou:

Eu acredito que seria a melhor forma fazer uma estrutura na aldeia, pra que as pessoas que viesse visitar a aldeia conhecer o passado e a realidade da aldeia. Não daquela forma que é mostrada no Museu, com pessoas desinformadas sem saber nem dar uma informação de nada, e coisas que não tem nem informação, que são coisa que não existe na nossa cultura, [...]. Então, a melhor forma era devolver as igaçabas pra que a gente plante nossas igaçabas novamente. E o que pertence ao nosso povo, fazer uma estrutura dentro da aldeia pra que a gente coloque dentro da nossa comunidade e nós mesmo fale da nossas coisa e nós mesmo mostre a nossa cultura, o que foi do passado e o presente e o que a gente trás do passado até hoje.

Ao longo das entrevistas e conversas com lideranças Xukuru-Kariri percebemos a necessidade de o indígena falar sobre a sua própria história como uma das principais reivindicações desse povo diante das várias formas de representações e narrativas sobre a história em Palmeira dos Índios. Nos relatos dos entrevistados foi

evidente os descontentamentos com a exposição das igaçabas no Museu Xucurus, pois afirmaram que num museu organizado pelos indígenas as urnas funerárias não seriam expostas ao público, mas replantadas no solo sagrado.

A respeito da necessidade de repensar as narrativas “historiográficas” sobre Palmeira dos Índios considerando as memórias dos indígenas, essa reivindicação foi expressa sempre relacionada à possibilidade de o “verdadeiro índio” ter espaço de fala e visibilidade no município, desmistificando narrativas romantizadas e mitológicas. No entanto, essa não será uma tarefa fácil, pois além de não terem lugar de voz nos meios de locais de comunicação, ou abertura política, o cotidiano e a historiografia palmeirense estão permeados por produções relegando-os ao passado.

Diante dessas constatações, é importante ressaltar que as memórias de resistências dos indígenas se expressam sempre em oposição às imagens e narrativas presentes no cotidiano não indígena local. Pois as produções serviram para construir uma imagem sobre Palmeira dos Índios descrevendo a presença indígena como inegável, embora esse indígena seja um personagem romantizado e vinculado apenas ao momento de “formação” da cidade.

Os indígenas entrevistados destacaram a falta de visibilidade e divulgação sobre a forma como os Xukuru-Kariri vivem em Palmeira dos Índios. Sendo esse um dos maiores problemas enfrentados por esse povo na atualidade, uma vez que as representações sobre eles no município resultam na percepção de que existiram na região, porém essas imagens não contribuem para compreender às suas reivindicações na atualidade.

Considerações finais

Com este estudo, percebemos a reivindicação do povo Xukuru-Kariri em dissociar a relação estabelecida entre a sua presença no município e as imagens romantizadas no cotidiano local. Exigindo o efetivo reconhecimento da histórica presença na região, implicando em analisar criticamente a história local, considerando os conflitos durante a “formação” sócio-histórica de Palmeira dos Índios e na atualidade.

É necessário perceber o passado como uma construção em disputas, evidenciando que as narrativas históricas hegemônicas ou as versões oficiais são tecidas em meio a disputas de memórias, imagens e discursos entre os grupos dominantes e

grupos subalternos. E desse modo questionar as ideias postas e as atuais influências sobre a forma como os indígenas são pensados e retratados no município. São necessários novos estudos questionando a idealização, suscitando os debates sobre os Xukuru-Kariri na atualidade, principalmente a partir de posicionamentos dos próprios indígenas.

O reconhecimento da presença do povo Xukuru-Kariri em Palmeira dos Índios, exige também a negação dos discursos atribuindo aos atuais indígenas as responsabilidades pelo retrocesso na economia local. As lideranças entrevistadas afirmaram que uma mudança será possível somente a partir de uma livre e respeitosa aproximação entre a “sociedade palmeirense” representada pelo governo municipal e o povo Xukuru-Kariri, além de uma educação distanciada de narrativas romantizadas, interagindo com os indígenas, desconstruindo os preconceitos expressos no cotidiano.

Referências

BRANCO, José Delfim da Motta. **Legitimidade da nossa posse e propriedade das terras reivindicadas pelos “índios”**. Palmeira dos Índios (no prelo).

DÓRIA, Siglia Zambrotti. **Resumo do relatório de identificação e delimitação da terra indígena Xukuru-Kariri**. Brasília: Diário Oficial da União, 20 de out. de 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.

MARTINS, Silvia Aguiar Carneiro. **Os caminhos da Aldeia... Índios Xucuru-Kariri em diferentes contextos situacionais**. Recife, UFPE, 1994. (Dissertação Mestrado em Antropologia).

MOREIRA, Ana Cristina de Lima; PEIXOTO, José Adelson Lopes; SILVA, Tiago Barbosa da. **Mata da Cafurna, ouvir memória e contar História: tradição e Cultura do povo Xucuru-Kariri**. Maceió: Edições Catavento, 2008.

NORA, Pierre. **O lugar da memória**. Paris: Gallimard, 1997.

OLIVEIRA, Auta Maria de. **Relatório de observação**: povo Xucuru-Kariri Fazenda Canto. Palmeira dos Índios. 1994. Disponível no Acervo do CIMI/AL.

OLIVEIRA, Carlos Estevão de. O Ossuário da "Gruta-do-Padre", em Itaparica, e algumas Notícias sobre Remanescentes Indígenas do Nordeste. In **Boletim do Museu Nacional**. Rio de Janeiro. 1942, Vol. XVII, p. 155-212.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **A viagem de volta**: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios**: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Memórias e imagens em confronto**: os Xukuru-Kariri nos acervos de Luiz Torres e Lenoir Tibiriçá. Maceió, Olyver, 2019.

SILVA JÚNIOR, Aldemir Barros da. **Aldeando sentidos**: os Xukuru-Kariri e o Serviço de Proteção aos Índios no Agreste alagoano. Maceió: Edufal, 2013.

SILVA, Maria Ester Ferreira da. **A (des)territorialização do povo Xukuru-Kariri e o processo de demarcação das terras indígenas no município de Palmeira dos Índios/Alagoas**. Aracaju: UFS, 2004. (Dissertação Mestrado em Geografia)

SILVA, Edson. História Xukuru, história indígena no Nordeste: novas abordagens. In: **Revista Mnemosine**, Campina Grande. v.1, n.2, jul./dez. 2010, p. 64-83.

SILVA, Edson. Povos indígenas no Nordeste: contribuição a reflexão histórica sobre o processo de emergência étnica. In: **Revista Mneme**, Caicó. v.4, n.7, fev./mar. 2003

SOARES, Brunemberg da Silva. **Apropriações e usos de imagens sobre os índios Xukuru-Kariri em Palmeira dos Índios/AL (1968-2010)**. Maceió: Olyver, 2020.